PERVERSÃO NO CONSUMO DE DROGAS À CONVERSA COM OS JOVENS...

Artigo de Alexandra Tracana, Diretora Técnica, Casas de Santiago

Hoje, passados 20 anos, sem consumir substâncias psicoativas, e os mesmos 20 anos a trabalhar nos comportamentos aditivos, vi-me surpreendida durante a viagem que me propus fazer aos consumos dos dias de hoje. Um misto de exaltação e êxtase fizeram com que encetasse esta viagem, nesse mundo desconhecido, que até para uma adicta em recuperação parece fantástico e espacial.

Vem à mente a velha frase: "No meu tempo não era nada disto!"

Com a empatia que caracteriza os adictos em recuperação, sentei-me na rua; puxei de um cigarro e comecei a falar. Falei de mim de início, das memórias; do desespero; da agonia e da libertação de não ter de estar ali. Um ou dois jovens abeirou-se, identificou-se e partilhou "que vida de merda escolhi eu". Diziam: "Na minha cidade para me divertir só há droga, ir para a escola tem que ser mocado, as aulas são uma seca e tenho que me divertir. Alhear-me do real. Acordo de manhã muito deprimido, só com a moca consigo estar." Diziam: "Não tens noção, isto agora é um degredo." - Vêem-se vulgarmente jovens a passear de garrafa na mão, é água. Andam a "dar nas pastilhas", é barato, custam 5 EUR cada uma, são vendidas, por jovens que andam com sacos com cerca de 2000 e compram, cada uma por cêntimos, lá no Porto – "Já vistes o que ganham! Que tentação..." Apenas com uma pastilha e uma bebida, dá para a noite inteira. Cada bebida custa 3 EUR na disco, as raparigas não precisam de dinheiro para usar - nunca paguei por cocaína, os rapazes compram e dividem a grama em riscos. Cada grupo tem os seus dealer's. Há os dealer's das pastilhas; da coca e dos balões.

"Dos balões?" - Perguntei eu.

Sim, chama-se "dar nos balões" e explicaram - manda-se vir da net, há traficantes de botijas que trazem a botija com a altura do chão até ao joelho, cada uma custa 120 EUR e já vem com os balões incluídos. Compra-se em grupo, e cada um dá nos balões até cair para o lado, mais ou menos 30 balões por pessoa. Uns fazem pequenos, outros grandes.

Com a cocaína, não é bem assim. "Eu nunca paguei – disse uma rapariga, tinha 19 anos - para dar na coca, são sempre os rapazes que pagam". "Manda-se vir o traficante, só da coca, uma grama custa 60 EUR mas há quem consiga comprar a 30, são os dealer's. Compram a 30 e vendem aí a 60, para fazerem o seu dinheiro."

"Uma grama dá para 15 riscos, às vezes, como a coca dá muito tesão, calor, sabes como é, usa-se para sexo também, espalha-se na vagina ou no pénis. É normal sabes, às vezes sinto que tenho que snifar qualquer coisa, é meter alguma coisa pelo nariz, sinto falta!"

"A gente" junta-se para dar nas drogas, a cena é essa. Dar nas drogas, beber álcool e ficar prá ali a falar, a rir... Sabes - disse-me ela - a coca põe-nos agressivos, e muitas vezes é só solapada. Vamos uns para um lado, e outros para o outro. Há também as gotas, e isso sim...! Põe-se 3 ou 4 gotas, nos braços ou nas pernas do outro e lambe-se.

- Espera! - disse eu - Mas como é, lambem-se uns aos outros?

"Sim."

- Que gotas são essas?

"Eh pá, LSD... são alucinogénicas."

- Então e fazem isso em grupo? - perguntei eu.

"Sim, a cena é essa. Cada casal."

Ok, então aquilo que mudou, foi aquilo que se consome, como se consome e a quantidade em que se consome. Podemos dizer que o consumo de LSD aumentou. A sua acessibilidade é extraordinariamente fácil, existe em todos os festivais, e é apregoada como antigamente o peixe, o azeite ou a água pelos aguadeiros. De repente, sou transportada aos tempos áureos do "Casal Ventoso", falamos de 1995, onde existia o pregão: tanto do material - do tipo "olha o serenal não faz bem nem mal é bomba nova" - como da droga – "É o 23, é os putos a bulir, é quartas, é meias, é bom material. Olha o bom mel!"

Imaginei rapidamente um festival de transe, onde se via balões coloridos e cartuchos de metal pelo chão, com os seus dealer's a apregoar cada um – "coca da boa (a pedra dura), balões, gotas, pastilhas..."

Pronto, o mundo está perdido – Pensei...

Mais tarde, outro grupo se juntou, é verdade, os grupos de consumo são distintos e na maioria cada grupo, tem os seus próprios traficantes. Estes vinham a fumar um charro. Perguntei então - E o ache, como é? Como se arranja?

Rapidamente, explicaram tudo, de alguma forma têm vontade de falar. O pólen vem de Marrocos, são as mulas, que traficam. Vêm em bolotas no ânus e são os jovens que fazem o tráfico. Mas a cena da ganza, já é uma cena diária, já é uma realidade tolerada, já não é vista com respeito. Já nem se fala muito nisso, é normal. Contaram-me agora que muitos já fumam em família, são os maconheiros, todos fumam,

como ritual de família, os avós, os pais e os filhos por norma são brasileiros. Fiquei chocada… Ao verem-me em choque, e com o prazer de chocarem os mais velhos, continuaram. "Sabes, disse à minha mãe que queria experimentar um charro – contou-me uma jovem de 19 anos, venezuelana – Ao que ela me disse que também gostaria de experimentar comigo, que gostava de saber o que se sente e como sabe a moca."

Outro jovem disse-me que, a mãe divorciada consumia haxixe diariamente, tipo "comprimido para dormir". Mandava vir placas inteiras de Lisboa. Então, já que ele queria fumar, ela mãe do jovem de apenas 18 anos, cedia-lhe parte do ache para poder fumar aos fins-de-semana com os amigos. Outros referiram, "Não conto nada aos meus pais, nem falo nisso. Tão pouco se interessam, eles têm os problemas deles."

Noutro contexto, à conversa com os jovens à porta das escolas, após uma palestra sobre consumo de álcool e alcoolismo, para a qual fui convidada. De notar, que na maior parte das vezes os convites surgem dos próprios jovens, na maioria, para finalização das PAP's, Provas de Aptidão Profissional, no final dos cursos profissionais. Contavam estes: "Agora após a vinda dos refugiados da Ucrânia, aprendemos uma forma bué de fixe e barata, para ficar bêbados: é com pensos higiénicos das raparigas. Injeta-se vodka ou absinto e coloca-se o penso perto do ânus.

"É uma grande broa e barato, pois usa-se pouquíssimo álcool e também não se dá conta do cheiro a álcool. Nem pais, nem bófia, nem ninguém. Mais, não acusa nos testes ao álcool da polícia é uma grande cena."

"Outra forma é com balões de água do chinês. Injeta-se o álcool no balão e enfia-se no ânus, depois salta-se, salta-se, salta-se até ao balão rebentar. É uma atividade grupal, é só rir. É uma grande borracheira."

Fiquei atónita…. Pensei por momentos que nunca me tinha lembrado de usar coca nos tampões, mas agora vejo que tudo é normal, parece-me promiscuo, e até por último, com falta de honra de código de drogado. Antes usava-se com mais descrição, hoje faz-se questão de ser excêntrico.

"Ahh!" - Continuavam eles – "Já conheces a droga cor-de-rosa florescente? É um pó. Chama-se tusi, eu acho que é porque toda a gente fica a tossir. Anda toda a gente à procura disso. Na cidade não se fala noutra coisa. É bué caro, é o mesmo preço do que a cocaína. Fica-se meio alucinado, não sei bem o que é que aquilo é, mas a malta começou a dar nisso."

Então - perguntei eu - vocês metem uma coisa que não sabem o que é?

"Sabemos mais ou menos. Não é bem coca, não é bem MD, nem LSD, mas é top."

Só falta falar em "drink spiking", nome que se dá, à prática de adulterar bebidas, que acontece frequentemente em bares e discotecas. Agora, dizem: "Não posso largar a minha bebida, ando sempre de copo na mão, tenho medo do que metem lá para dentro. A malta é muito marada, drogam as bebidas, para terem sexo, simplesmente para curtirem as figuras tristes dos outros. O é melhor ter cuidado, vive-se um bocadinho com medo disso."

Pensei no medo, que não serve como bloqueio ao consumo. Pensei no desespero de não conviver com o real, a apetência ao consumo é tão grande, que não faz mal correr riscos.

Acredito mesmo assim, que amanhã seja melhor, LIVRE 100%.